



## Experiências de sofrimento psíquico em estudantes universitários LGBTQIA+

### Psychological distress in LGBTQIA+ university students

Luanna Carolyne Silva De Lacerda<sup>1</sup>, <https://orcid.org/0000-0003-3788-9029>

Paula Hayasi Pinho<sup>1</sup>, <https://orcid.org/0000-0001-8922-0699>

<sup>1</sup>Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil.

#### Autor de Correspondência:

Luanna Carolyne Silva De Lacerda, Santo Antônio de Jesus, BA, Brasil,  
[luannadelacerda@aluno.ufrb.edu.br](mailto:luannadelacerda@aluno.ufrb.edu.br)

#### Resumo

**Contexto:** O ambiente acadêmico pode desencadear nos estudantes inseridos nesse contexto experiências que implicam sofrimento psíquico, impactam em seus relacionamentos e qualidade de vida, além de comprometerem o desempenho nas atividades diárias.

**Objetivo:** Compreender as experiências vivenciadas pela população estudantil lésbica, gay, bissexual, trans, queer, intersexual, assexual, entre outros (LGBTQIA+) no contexto universitário a fim de explorar os fatores que implicam em sofrimento psíquico.

**Métodos:** Trata-se de uma revisão sistemática de artigos publicados entre 2009 a 2019, nas bases: SciELO, PubMed e BVS. Seguiram-se critérios de inclusão e exclusão, e metodologia PRISMA.

**Resultados:** Foram selecionados 8 artigos, e agrupados em duas categorias temáticas: clima do campus e medidas de intervenção. Entender o ambiente universitário como um espaço seguro permite a expressividade do estudante enquanto indivíduo LGBTQIA+, pois aspectos vivenciados na Universidade são relacionados como possíveis preditores de depressão, ansiedade, autoagressão e comportamentos suicidas. Quanto às medidas de intervenção, são expostas estratégias resultantes da interação entre grupos LGBTQIA+ de mobilização estudantil e o regimento interno das universidades de forma a reforçar para todos do campus que o comportamento anti-LGBTQIA+ não é tolerável tampouco aceitável.



**Conclusões:** A atitude à temática LGBTQIA+, bem como as experiências vividas por esses estudantes na Universidade, podem afetar sua saúde psicológica e física. Para que a quebra do padrão heteronormativo de sexualidade e gênero, então, ocorra, apenas seu reconhecimento não é suficiente, é necessário que se construa um paradigma de diversidade como norma.

**Palavras-Chave:** estresse psicológico; minorias sexuais e de gênero; universidades.

## Abstract

**Background:** Behaviors experienced in an academic environment may trigger experiences that imply psychic suffering, impact one's relationships and quality of life, besides compromising daily activities. Influencing these issues are the socioeconomic conditions of the student, compatibility of the study with the insertion in the labor market, age, gender, determination and willingness to continue.

**Aim:** To understand the experiences of the lesbian, gay, bisexual, trans, queer, intersexual, asexual, among others (LGBTQIA+) university students in order to explore the factors that imply psychic suffering.

**Methods:** Systematic review of articles published between 2009 and 2019, in the databases: Scientific Electronic Library Online (SciELO), US National Library of Medicine (PubMed) and Virtual Health Library (VHL). Inclusion and exclusion criteria, and the PRISMA method were followed.

**Results:** Eight articles were selected and grouped into two thematic categories: campus climate and intervention measures. Understanding the university environment as a safe space allows the expressiveness of the student as an LGBTQIA+ individual for aspects experienced at the University are related as possible predictors of depression, anxiety, self-aggression and suicidal behaviors. As for intervention measures, strategies resulting from the interaction between LGBTQIA+ student mobilization groups and the University's inlaws are exposed in order to reinforce to everyone on campus that anti-LGBTQIA+ behavior is not tolerable nor acceptable.

**Conclusions:** the attitude towards LGBTQIA+ themes, as well as the experiences lived by said students, may affect their psychological and physical health. For breaking the heteronormative pattern of sexuality and gender, only its recognition is not enough, it is necessary to construct a paradigm where diversity is the norm.

**Keywords:** stress, psychological; sexual and gender minorities; universities.

Recebido 15/01/2021. Aceite: 30/03/2021.



## Introdução

Homofobia, bifobia e transfobia são conceitos que representam a expressão da hostilidade e violência contra lésbicas, gays, bissexuais, trans, queers, intersex, assexuais, entre outros (LGBTQIA+) e podem ser expressadas em ambiente universitário tanto de forma verbal por parte dos membros da comunidade acadêmica, quanto em materiais didáticos que compõem os currículos academicopedagógicos (Ribeiro, de Freitas Moraes e Medeiros Kruger, 2020). Estigma e preconceito institucionais e sociais perpassam pelos campos afetivos e cognitivos e podem impactar o desenvolvimento pessoal, saúde mental, bem-estar e expressividade de estudantes universitários LGBTQIA+ por meio de experiências de sofrimento psíquico que englobam características depressivas, ansiosas e queixas somáticas além de impactar nos relacionamentos interpessoais e comprometerem o desempenho nas atividades diárias, aspectos importantes em contexto acadêmico (Kuffel e Primão, 2017).

Estudos que visam conhecer percepções e experiências de LGBTQIA+ sobre o contexto universitário, percepções alheias que se tem nesse meio sobre temas LGBTQIA+, e condições de políticas e programas sociais voltados à essa população, tornaram-se expressivos nos anos 1990 nos Estados Unidos da América (EUA), onde atualmente estima-se que os LGBTQIA+ adultos acima de 18 anos compõem 4,9% da população total (Conron, & Goldberg, 2020; Renn, 2010).

Quanto à Europa e Ásia Central, em revisão anual sobre os direitos humanos de LGBTQIA+ relata-se que 72% de uma amostra (n=200) na Albânia declarou já ter sofrido bullying em ambiente escolar por ser LGBTQIA+, duas jovens trans cometeram suicídio na França pelo mesmo motivo em 2020, em Portugal 86% de uma amostra de 4843 estudantes acredita que a temática deve ser melhor abordada em sala de aula e em Malta a maioria dos estudantes LGBTQIA+ não acreditam que o currículo estudantil os representa (International Lesbian, Gay, Bisexual, Trans and Intersex Association [ILGA-Europe], 2021).

A partir da compreensão das experiências de sofrimento psíquico de estudantes universitários LGBTQIA+ é possível identificar lacunas nos programas de diversidade atuantes e analisar fatores associados à percepção de inclusão afim de incentivar e prover evidências para a criação, manutenção e expansão destes (Monaci, 2018; Renn, 2010). Como consequência à intolerância e exclusão sofridas, e ao não-posicionamento das instituições face à discriminação devido à falta de política inclusiva efetiva, a população LGBTQIA+ torna-se mais suscetível a evadir da Universidade (Vieira Jr & Almeida, 2019). É o caso de travestis e transtêneros: estima-se que no Brasil a evasão acadêmica entre essa população seja de 82% (Hanna & Cunha, 2017). Dentre fatores que tornam uma organização inclusiva para indivíduos LGBTQIA+, a adoção de medidas eficazes para a inclusão implica em maior segurança e produtividade tanto em relação aos indivíduos quanto à organização de modo geral (Monaci, 2018).

Diante do exposto, a importância de abordagem do tema refere-se à possibilidade de, por meio do conhecimento das vivências de estudantes universitários LGBTQIA+, apontar estratégias de enfrentamento utilizadas por esse grupo, bem como nortear o desenvolvimento e indicar rumos para políticas de inclusão. Assim, objetiva-se revisar as produções recentes da literatura acerca do tema a fim de compreender as

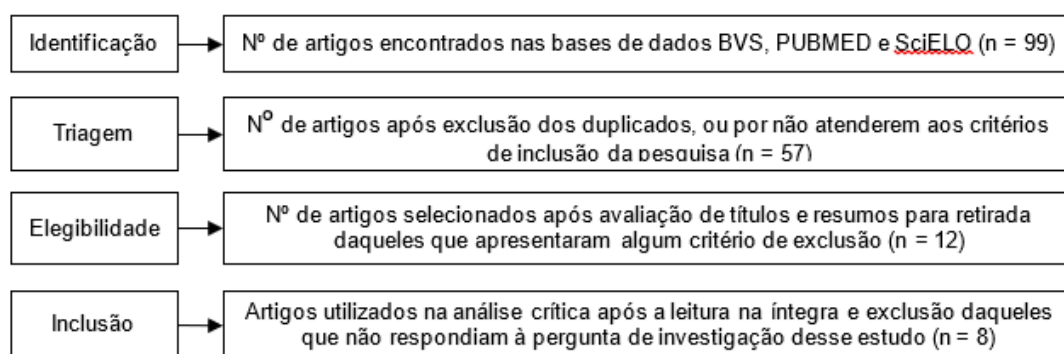


experiências vivenciadas pela população estudantil LGBTQIA+ no contexto universitário, e explorar os fatores que implicam em sofrimento psíquico em vistas a fundamentar ações institucionais que possibilitem tornar o meio acadêmico mais seguro e acolhedor para tais estudantes.

## Métodos

Trata-se de uma revisão sistemática da literatura cuja pergunta de investigação seguiu as orientações da estratégia PICO – População, Interesse e Contexto, metodologia voltada para pesquisas não-clínicas (Sousa et al., 2018), sendo esta: Quais os fatores associados às experiências de sofrimento psíquico em estudantes universitários LGBTQIA+? Os termos e estratégia de busca foram *lgbt AND university*, nos últimos dez anos (2009 – 2019) por busca completa na base de dados PubMed e limitados somente ao resumo na SciELO e BVS.

O processo de busca e seleção dos estudos ocorreu em janeiro de 2020 e se deu conforme as recomendações PRISMA (Moher, Liberati, Tetzlaff, Altman, & PRISMA, 2010) (Figura 1). As referências foram importadas, organizadas e sistematizadas por duas pesquisadoras de forma independente. Foram identificados por meio da pesquisa inicial 51 artigos na base de dados PubMed, 47 na BVS e 1 na Scielo, totalizando 99 artigos; sendo 42 destes excluídos por estarem duplicados. Dentre os 57 artigos restantes, todos adequaram-se aos critérios de inclusão: sujeitos da pesquisa serem universitários; e artigos publicados nos idiomas inglês, português e espanhol entre os anos 2009 e 2019. Após a leitura de títulos e resumos, 38 artigos foram excluídos por apresentarem um ou mais critérios de exclusão: teses, capítulos de teses, livros, capítulos de livros, anais de congresso ou conferências e editoriais; ou que não estivessem disponíveis no formato eletrônico. 8 artigos foram selecionados para a revisão a partir da leitura íntegra dos artigos por contribuírem para a construção do estudo ao atenderem ao objetivo proposto.



**Figura 1** - Fluxograma dos métodos de identificação, triagem, elegibilidade e inclusão dos artigos



## Resultados

Os artigos respondem à pergunta norteadora ao apresentarem fatores associados ao sofrimento psíquico de estudantes universitários LGBTQIA+. Isto é, referem à forma como o ambiente universitário, enquanto espaço inseguro para a expressividade de discentes LGBTQIA+, associa-se às experiências ali vivenciadas, como: as opressões e represália entre estudantes, os determinantes sociais de vulnerabilidades e o desamparo institucional. Além disso, contemplam sobre o coletivo LGBTQIA+ e ativismo estudantil, ou políticas de assistência institucionais e regimentos internos das universidades voltados a debates e reivindicações do grupo LGBTQIA+.

O idioma em 87,5% (n=7) dos artigos é inglês, havendo 1 único artigo sido publicado em espanhol. O país onde a maioria (62,5%) das pesquisas ocorreram, é os EUA, correspondendo a 5 artigos. Seguido de Japão, Irlanda e México, como países com 1 (12,5%) pesquisa executada em cada. Além disso, dentre os 10 anos (2009 – 2019) aos quais esta revisão se limitou, aqueles nos quais os artigos foram publicados são: 2011, 2013, 2014, 2016, 2018 e 2019. Cada um dos anos com 1 artigo publicado, exceto 2018, quando 3 (37,5%) do total (n=8) de artigos foram publicados (Tabela 1).



**Tabela 1:** Matriz de síntese e categorização dos estudos.

Autoria	Objetivos	Desenho metodológico	Resultados
Boyle & McKinzie, 2018	Relacionar experiências de perseguição, assédio/ agressão sexual e determinantes como gênero, raça e orientação sexual	Estudo exploratório regressivo quantitativo. Os dados foram coletados a partir de levantamento enviado para e-mails de cadastrados 1149 estudantes de graduação ou pós-graduação em Direito de uma grande Universidade.	Maiores taxas de assédio sexual entre mulheres, LGBTIA+, estudantes multirraciais. Maiores taxas de coerção e perseguição entre mulheres. Risco aumentado de distúrbios de saúde mental entre mulheres e LGBTQIA+.
Ikuta et al., 2016	Elucidar a prevalência de LGBT entre jovens estudantes universitários japoneses.	Estudo exploratório randomizado quantitativo cujo levantamento de dados ocorre em duas fases: levantamento simples e multifacetado. São abordados estudantes do primeiro ano da Universidade de Ibaraki, Japão na primeira fase, e do segundo ao quarto ano na segunda fase.	A prevalência de LGBT entre os estudantes universitários é de 2,7%, 0,5%, 5,3% e 0,8% respectivamente.
Kane, 2013	Examinar a importância da opinião pública, recursos do campus e comunidade, e o contexto institucional na previsão da existência de coletivos LGBT.	Estudo regressivo qualitativo. Foi utilizada logística regressiva binária para investigar os fatores associados à existência e ausência de grupos estudantis LGBT na barra de busca de sites de Universidades dos EUA cujos cursos têm duração de 4 ou mais anos.	Estudantes LGBT que aplicam para uma Universidade consideram a oferta de cursos LGBT-específicos, funcionários pagos encarregados de serviços de apoio LGBT, e a existência de grupos estudantis LGBT. As afiliações religiosas do campus influenciam significativamente na presença desses estudantes.
O'Neill et al., 2018	Examinar transtornos mentais e adversidades na infância como preditores de comportamentos autolesivos e suicidários.	Estudo regressivo quantitativo. Recorte do estudo de bem-estar estudantil da Universidade de Ulster que começou em setembro de 2015 como parte do Projeto Internacional de Saúde Mental de Estudantes Universitários da Organização Mundial da Saúde. 739 estudantes participaram.	1 a cada 5 estudantes haviam planejado suicídio nos 12 meses anteriores à pesquisa. Análises de regressão logística detectaram maior probabilidade de comportamentos de automutilação e suicídio entre não-heterossexuais, e entre aqueles com níveis moderados ou altos de adversidades na infância.
Robinson & Spivey, 2011	Explicar por que instituições de educação superior de Virgínia são vulneráveis às regulações polípartidárias inclusive no que tange às políticas de igualdade de oportunidades do campus.	Estudo de caso qualitativo. Recorte do estudo de Clima de Campus sobre a qualidade de vida do campus no ensino superior nos EUA aplicado a estudantes da James Madison University.	Instituições públicas de ensino de estados distintos enfrentam impedimentos divergentes para melhorar o clima do campus. Mais pesquisas são necessárias para identificar fatores estruturais que afetam o clima do campus. Política partidária e regulação estatal tornam as faculdades e universidades de Virgínia mais vulneráveis ao escrutínio e controle político
Smidt et al., 2019	Investigar se indivíduos LGBT experimentam níveis diferentes de vitimização por violência e desamparo institucional em comparação aos estudantes heterossexuais; e se tais diferenças podem explicar as disparidades na saúde psicológica e física entre ambos.	Estudo exploratório quantitativo cujos participantes foram instruídos a completar o levantamento por meios próprios. 5000 estudantes da Universidade de Oregon foram convidados para participar do estudo, 1.058 estudantes iniciaram a pesquisa e 899 forneceram dados usáveis.	Mulheres não heterossexuais que sofrem agressão sexual, experimental maior taxa de desamparo institucional em comparação a mulheres heterossexuais. Tal desamparo esteve geralmente associado a desfechos psicológicos e de saúde física negativo em minorias sexuais. Reformas institucionais relacionadas ao clima do campus e identificação de estudantes LGBT como uma população de risco são necessárias.
Tetreault et al., 2013	Avaliar as percepções de estudantes universitários sobre o clima do campus, suas experiências confrontando vieses, o apoio de familiares e amigos, e se consideram deixar o campus.	Estudo exploratório quantitativo com análise de regressão múltipla e cluster cujo instrumento de pesquisa foi desenvolvido e adaptado do Instrumento de Avaliação de Clima e Necessidades do Campus. Participaram 77 estudantes LGBTQ de uma Universidade na região das Grandes Planícies dos EUA.	Maior tratamento injusto por parte de instrutores, menor apoio emocional por parte de família e amigos e a necessidade de se esconder a identidade LGBT de outros alunos foram preditores de piores clima de campus.
Villanueva & Ponce, 2018	Compreender o significado de cidadania para estudantes universitários LGBT; se a identidade sexual dos jovens mexicanos se tornam fatores que definem a perda ou precarização de seus direitos de cidadania; o quanto Universidades são espaços livres de discriminação; e de que maneira a discriminação mutila e degrada a cidadania.	Estudo exploratório quanti-quali. Foram realizadas breves entrevistas não estruturadas com jovens de orientação homossexual, bissexual e heterossexual da Universidade Autónoma Metropolitana – Xochimilco, México.	Embora seja um espaço com maiores níveis de liberdade e tolerância do que outros tipos de espaços, como a família ou na rua, os jovens que fazem parte da comunidade de LGBT experimentam diferentes formas de agressão e discriminação nas universidades.

Fonte: As autoras, 2020.

## Discussão

Os resultados foram agrupados em duas categorias temáticas, cada uma contendo duas subcategorias, a saber: 1) Clima do campus – a) determinantes de vulnerabilidades; b)



vivência universitária e saúde mental; e 2) medidas de intervenção – a) ativismo estudantil LGBTQIA+; b) políticas institucionais de assistência.

### **Clima do Campus – determinantes sociais, vivências e saúde mental**

Evidências de desamparo institucional em faculdades e universidades, discriminação, assédio e intimidação focados na orientação sexual, identidade ou expressão de gênero podem compor a vida cotidiana dos estudantes LGBTQIA+, interferir em sua saúde mental e constituir aspectos relacionados ao clima do campus universitário. Ressalvas quanto à livre expressão de suas orientações sexuais e identidades de gênero, porém, geralmente surgem a partir das relações familiares, quando a internalização do sofrimento psíquico e ocultamento de si se fazem necessários – seja pelo desejo de proteger sua privacidade e evitar estigma e discriminação, seja por uma atitude consciente ou inconsciente de autocensura e preconceito internalizado (Ikuta et al., 2016; Tetreault, Fette, Meidlinger, & Hope, 2013; Villanueva & Ponce, 2018).

Ignorar as necessidades específicas de um coletivo e tratar a todos como sujeitos homogêneos influencia negativamente o entendimento científico social entre as semelhanças e as diferenças desses grupos, especialmente em casos nos quais esses sujeitos apresentam outros marcadores sociais de vulnerabilidade para além de comporem a comunidade LGBTQIA+ (Boyle & McKinzie, 2018). A exemplo, os resultados apontam que mulheres, independente de sua orientação sexual, apresentam maiores índices como vítimas de violências sexual em relação a homens; e o mesmo ocorre com estudantes racializados em comparação a estudantes brancos, ou em análises que combinam gênero, raça e orientação sexual, onde mulheres racializadas LGBTQIA+ compõem um grupo que sofre de uma opressão tripla: de raça, gênero e sexualidade (Boyle & McKinzie, 2018; Lima, 2018). Percebe-se, portanto, que a intersecção desses determinantes ocasiona maior probabilidade de essas estudantes estarem expostas à hostilidade e à experiências de sofrimento psíquico.

A constância com a qual circunstâncias de violências e violações permeiam a vivência social de indivíduos LGBTQIA+ pode, inclusive, constituir fatores de marginalização, perda, diminuição, violação ou precariedade de seus direitos enquanto cidadãos, e configurar um quadro de estresse de minoria composto de potencializadores ao sofrimento psíquico (Chinazzo et al., 2020; Robinson & Spivey, 2011; Smidt, Rosenthal, Smith, & Freyd, 2019; Villanueva, & Ponce, 2018). Consequente, assédio sexual, perseguição, racismo e estigma vivenciados em ambiente acadêmico ou familiar podem ocasionar disparidades na saúde psicológica e física das minorias sexuais, e aumentar a probabilidade de comportamentos suicidas (Boyle, & McKinzie, 2018; O'Neill et al., 2018; Smidt et al., 2019). Nesse contexto, as universidades religiosas foram classificadas dentre as mais hostis a discentes LGBTQIA+ por apresentarem menos abertura a debates que os protagonizem, junto às universidades localizadas em regiões onde os direitos de pessoas LGBTQIA+ não são assegurados devido ao partidarismo político (Kane, 2013; O'Neill et al., 2018; Robinson, & Spivey, 2011).

O preconceito internalizado atua principalmente em relação à autoestima e fragilização do autocuidado, assim os eventos discriminatórios atingem sujeitos LGBTQIA+ ainda que



estes não sejam os alvos diretos das mesmas, devido à sua autopercepção e antecipação da rejeição, o que os tornam mais suscetíveis a situações de isolamento (Cerqueira-Santos, Azevedo e Ramos, 2020). Em adendo, não-heterossexuais vítimas de assédio sexual apresentam maiores níveis de depressão, ansiedade, comportamentos autolesivos e distúrbios alimentares, uma vez que a exposição constante e duradoura ao sentimento discriminatório constitui um fator de risco à saúde mental da população LGBTQIA+ quando em comparação a indivíduos heterossexuais (Melo, Silva e Mello, 2019; Smidt et al., 2019).

Assim sendo, a forma como o ambiente universitário relaciona-se a fatores que contribuem para o sofrimento psíquico de estudantes LGBTQIA+ pode estar condicionada a determinantes de vulnerabilidades, e à relação entre a vivência universitária e saúde mental considerando a prevalência e as consequências de opressões e represália entre estudantes, e as influências religiosas e da política partidária regional na política de igualdade das universidades.

### **Medidas de intervenção e representatividade – ativismo estudantil LGBTQIA+ e políticas institucionais de assistência**

Há um entendimento entre os estudantes universitários de que os campi que contêm coletivos LGBTQIA+ geralmente configuram ambientes menos hostis, principalmente entre aqueles que tiveram contato prévio com tais coletivos durante seu ensino médio (Kane, 2013). Uma vez que esses grupos tornam-se uma fonte de apoio social e oportunidades de ativismo, o espaço universitário passa a ser considerado mais aberto a expressões de gênero e sexualidade que divergem das normatividades sexuais dominantes, principalmente por aqueles que são impedidos de expressá-las no campo familiar e local de residência (Sposito e Tarábola, 2016). Como efeito, campi com organizações LGBTQIA+ mostraram ter maior corpo discente, ser melhores avaliados, e receber maiores investimentos externos por aluno (Kane, 2013).

Para além da percepção de acolhimento por meio de coletivos LGBTQIA+, a afinidade entre as entidades estudantis e as esferas institucionais faz-se fundamental, pois a interação entre ambas permite discussões (sobre) e reconhecimento da diversidade e demandas particulares a esses grupos (Boyle & McKinzie, 2018; Ikuta et al., 2016). Muitas vezes o que ocorre, porém, é o incentivo limitado, sem que haja sua efetiva inclusão participativa, de forma a corroborar o preconceito velado – quando há reconhecimento do direito à diferença desde que ela não seja expressada aberta ou publicamente (Villanueva & Ponce, 2018).

A existência de políticas, programas e serviços inclusivos pode influenciar a forma como os discentes avaliam a experiência universitária, visto que a partir da validação de si, indivíduos LGBTQIA+ sentem-se mais respaldados a exporem suas autenticidades; caso contrário, podem tanto forjar seus comportamentos naturais, quanto evitar frequentar esses ambientes (Kane, 2013; Tetreault et al., 2013). Por outro lado, a ausência de linguagem inclusiva no regimento das universidades torna seus discentes LGBTQIA+ mais vulneráveis à intolerância e desamparo institucional por dificultar-lhes um meio respaldado para denúncias, podendo, indiretamente, sinalizar para os membros do





campus que o comportamento anti-LGBTQIA+ é tolerável ou até aceitável, o que pode causar experiências de sofrimento psíquico (Robinson & Spivey, 2011; Smidt et al., 2019).

Em caráter resolutivo, identificou-se que para evitar e prevenir a ocorrência de assédio moral e a vitimização da violência em ambiente acadêmico, houve adesão a um currículo acadêmico que abrangesse as temáticas LGBTQIA+, bem como propôs-se que houvesse amparo social, psicológico e médico disponíveis, e que se agregassem os termos “orientação sexual”, “identidade de gênero” e “expressão de gênero” nas políticas de igualdade de oportunidades dos campi (Ikuta et al., 2016; Robinson & Spivey, 2011). As influências do reconhecimento da diversidade de experiências dos discentes LGBTQIA+ contribui, inclusive, para um melhor desenvolvimento pessoal e profissional dentro e fora da Universidade (Tetreault et al., 2013).

As análises apontam, portanto, que estudantes lésbicas, gays, bissexuais, trans, queers, intersex, assexuais, entre outros, procuram ambientes universitários menos hostis ao considerarem tanto a presença de grupos estudantis LGBTQIA+, quanto a forma como políticas anti-discriminatórias estão inclusas no regimento interno das Universidades.

## Conclusão

A rede e o apoio social e institucional são recursos essenciais para o enfrentamento dos fatores associados ao sofrimento psíquico de estudantes universitários LGBTQIA+. Quando a composição da rede social de um sujeito contempla diversos contextos, como a educação, saúde, lazer, trabalho, família e amigos, e nos quais o apoio se faz presente, haverá uma tendência à minimização da vulnerabilidade à violência e, conseqüentemente, um aumento dos fatores de proteção à saúde mental e de qualidade de vida.

Os resultados possibilitam às instituições de ensino superior identificar e atender melhor às necessidades acadêmicas de estudantes universitários LGBTQIA+ à medida que fornecem base empírica para a implementação de programas educacionais, serviços profissionais e políticas inclusivas voltados à orientação sexual, e identidade e expressão de gênero na instituição. Com efeito, essas medidas se tornam critérios para a geração atual de estudantes LGBTQIA+ quando considerarem o clima – ou nível de aceitação – do campus ao escolher uma universidade, em sua adaptação ao ambiente acadêmico, e decisões sobre evadir ou permanecer estudando. É necessário, portanto, que se construa um paradigma de diversidade enquanto norma de forma a evidenciar que, para que a quebra do padrão normativo de sexualidade e gênero ocorra, apenas seu reconhecimento não é suficiente.

Quanto às implicações para a prática clínica, o conhecimento baseado nas evidências científicas apontadas neste estudo demonstrou que urge a necessidade de a comunidade acadêmica assumir um papel ativo na discussão de políticas de promoção da saúde mental e de incentivo da aceitação à diversidade humana. Nesse sentido, é fundamental propor estratégias de enfrentamento ao sofrimento psíquico voltadas aos



estudantes universitários LGBTQIA+ por meio de grupos de apoio psicossocial e que permitam a troca de experiências, articuladas por profissionais que atuam no campo da saúde mental e enfermagem psiquiátrica.

## Agradecimentos

As autoras declaram não haver instituição financiadora.

## Referências Bibliográficas

Boyle, K. M., & McKinzie, A. E. (2018). The Prevalence and Psychological Cost of Interpersonal Violence in Graduate and Law School. *Journal of Interpersonal Violence*, 2–32. <https://doi.org/10.1177/0886260518816329>

Cerqueira-Santos, E., Azevedo, H. P., & Ramos, M. M. (2020). Preconceito e Saúde Mental: Estresse de Minoria em Jovens. *Psicologia da IMED*, 12(2), 7–21. <https://doi.org/https://doi.org/10.18256/2175-5027.2020.v12i2.3523>

Chinazzo, Í. R., Lobato, M. R., Nardi, H. C., Koller, S. H., Saadeh, A., & Costa, A. B. (2020). Impacto do estresse de minoria em sintomas depressivos, ideação suicida e tentativa de suicídio em pessoas trans. *Ciência & Saúde Coletiva*. <http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/impacto-do-estresse-de-minoria-em-sintomas-depressivos-ideacao-suicida-e-tentativa-de-suicidio-em-pessoas-trans/17485>

Conron, K. J., & Goldberg, S. K. (2020). Adult LGBT population in the United States. The Williams Institute, 1–4. <https://williamsinstitute.law.ucla.edu/wp-content/uploads/LGBT-Population-Estimates-March-2019.pdf>

Hanna, W., & Cunha, T. (2017). Discriminação rouba de transexuais o direito ao estudo. *Correio Braziliense*. <http://especiais.correiobraziliense.com.br/violencia-e-discriminacao-roubam-de-transexuais-o-direito-ao-estudo>

Ikuta, N., Koike, Y., Aoyagi, N., Matsuzaka, A., Fuse-Nagase, Y., Kogawa, K., & Takizawa, T. (2016). Prevalence of lesbian, gay, bisexual, and transgender among Japanese university students: A single institution survey. *International Journal of Adolescent Medicine and Health*, 29(5), 16–21. <https://doi.org/10.1515/ijamh-2015-0113>

International Lesbian, Gay, Bisexual, Trans and Intersex Association [ILGA-Europe]. (2021). Annual Review of the human rights situation of lesbian, gay, bisexual, trans and intersex people in Europe and Central Asia. <https://rainbow-europe.org/sites/default/files/annual-report/Annual-Review-Full-2021.pdf>

Kane, M. D. (2013). Finding “Safe” Campuses: Predicting the Presence of LGBT Student Groups at North Carolina Colleges and Universities. *Journal of Homosexuality*, 60(6), 828–852. <https://doi.org/10.1080/00918369.2013.774837>



Kuffel, T. R., & Primão, J. M. (2017). Revisão integrativa: fatores de risco para transtornos mentais comuns entre estudantes universitários. I Jornada Regional de Saúde Mental Teles Pires “Produzindo Conhecimento Para Que Ninguém Fique Só.” <https://eventosacademicos.ufmt.br/index.php/saudemental/1saudemental/paper/viewPaper/4259>

Lima, F. (2018). Raça, Interseccionalidade e Violência: corpos e processos de subjetivação em mulheres. *Cadernos de Gênero e Sexualidade*, 4(2), 66–82. <https://portalseer.ufba.br/index.php/cadgendiv>

Melo, D. S., Silva, B. L., & Mello, R. (2019). A sintomatologia depressiva entre lésbicas, gays, bissexuais e transexuais: um olhar para a saúde mental. *Revista Enfermagem UERJ*, 27, e41942. <https://doi.org/10.12957/reuerj.2019.41942>

Moher, D., Liberati, A., Tetzlaff, J., & Altman, D. G. (2010). Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: The PRISMA statement. *International Journal of Surgery*, 8(5), 336–341. <https://doi.org/10.1016/j.ijssu.2010.02.007>

Monaci, M. H. (2018). fatores que tornam uma organização inclusiva para indivíduos LGBT: uma análise exploratória do ambiente universitário e empresarial [Instituto de Ensino e Pesquisa]. [http://dspace.insper.edu.br/xmlui/bitstream/handle/11224/2113/MATHEUS\\_HIPOLITO\\_MONACI\\_TCCII.pdf?sequence=1](http://dspace.insper.edu.br/xmlui/bitstream/handle/11224/2113/MATHEUS_HIPOLITO_MONACI_TCCII.pdf?sequence=1)

O’Neill, S., McLafferty, M., Ennis, E., Lapsley, C., Bjourson, T., Armour, C., Murphy, S., Bunting, B., & Murray, E. (2018). Socio-demographic, mental health and childhood adversity risk factors for self-harm and suicidal behaviour in College students in Northern Ireland. *Journal of Affective Disorders*, 58–65. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2018.06.006>

Renn, K. A. (2010). LGBT and Queer Research in Higher Education. *Educational Researcher*, 39(2), 132–141. <https://doi.org/10.3102%2F0013189X10362579>

Ribeiro, C. J., De Freitas Moraes, C., & Medeiros Kruger, N. R. (2020). A Universidade e Os Corpos Invisibilizados: Para Se Pensar O Corpo LGBT. *Diversidade e Educação*, 7(2), 357–372. <https://doi.org/10.14295/de.v7i2.9305>

Robinson, C. M., & Spivey, S. E. (2011). Structuring injustice: Partisan politics in the making and unmaking of James Madison University’s equal opportunity policy. *Journal of Homosexuality*, 58, 1306–1329. <https://doi.org/10.1080/00918369.2011.605742>

Smidt, A. M., Rosenthal, M. N., Smith, C. P., & Freyd, J. J. (2019). Out and in Harm’s Way: Sexual Minority Students’ Psychological and Physical Health after Institutional Betrayal and Sexual Assault. *Journal of Child Sexual Abuse*, 1–15. <https://doi.org/10.1080/10538712.2019.1581867>

Sousa, L. M., Marques, J. M., Firmino, C. F., Frade, F., Valentim, O. S., & Antunes, A. V. (2018). Modelos de formulação da questão de investigação na prática baseada na evidência. *Revista Investigação Em Enfermagem*, 31–39. [https://www.sinaisvitais.pt/images/stories/Rie/RIE23\\_s2.pdf](https://www.sinaisvitais.pt/images/stories/Rie/RIE23_s2.pdf)



Sposito, M. P., & Tarábola, F. S. (2016). Experiência universitária e afiliação: multiplicidade, tensões e desafios da participação política dos estudantes. *Educação & Sociedade*, 37(137), 1009–1028. <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302016166158>

Tetreault, P. A., Fette, R., Meidlinger, P. C., & Hope, D. (2013). Perceptions of Campus Climate by Sexual Minorities. *Journal of Homosexuality*, 60(7), 947–964. <https://doi.org/10.1080/00918369.2013.774874>

Vieira Jr, J. I., & Almeida, J. P. (2019). Vivência LGBT na ufersa [Universidade Federal Rural do Semi-Árido]. <http://repositorio.ufersa.edu.br/handle/prefix/4657>

Villanueva, C. G., & Ponce, N. L. (2018). Los “caminos torcidos” de la ciudadanía y la comunidad universitaria LGTB. *Política y Cultura*, 49, 49–66. [http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0188-77422018000100049&lng=es&tlng=es](http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0188-77422018000100049&lng=es&tlng=es)